

## NOTAS E INFORMAÇÕES/NOTES AND INFORMATION

### NOTA SOBRE DOMICILIAÇÃO DE *PANSTRONGYLUS MEGISTUS* NO LITORAL SUL DO ESTADO DE SÃO PAULO, BRASIL.

Oswaldo Paulo Forattini \*  
José Maria Soares Barata \*  
Cecilia Cordeiro Dellatorre \*\*  
Geraldo Magela Buralli \*\*\*

---

FORATTINI, O. P. et al. Nota sobre domiciliação de *Panstrongylus megistus* no litoral Sul do Estado de São Paulo, Brasil. *Rev. Saúde públ.*, S. Paulo, 16:127-31, 1982.

**RESUMO:** Relata-se o encontro de início de colonização domiciliar por parte de *Panstrongylus megistus*, no Vale do Ribeira situado no Sistema da Serra do Mar na região meridional do Brasil. O encontro permite considerar a possibilidade de domiciliação como consequência de pressão seletiva resultante da modificação antrópica do ambiente.

**UNITERMOS:** *Pastrongylus megistus*. Triatomíneos, domiciliação. Tripanossomíase americana. Vale do Ribeira, SP, Brasil.

---

#### INTRODUÇÃO

A tendência à domiciliação, por parte de populações triatomíneas silvestres, constitui objeto de interesse nas investigações destinadas a fornecer subsídios úteis à vigilância epidemiológica. No caso particular de *Panstrongylus megistus*, ressalta a variabilidade geográfica que esse fenômeno apresenta. No Sudeste do Brasil pode-se distinguir dois tipos fundamentais de comportamento desse inseto. Em um deles revela-se franca capacidade de invasão domiciliar, enquanto no outro observa-se reduzida, ou mesmo nenhuma, propensão nesse sentido. Até o momento, o primeiro tem sido registrado em regiões do planalto primitivamente revestidas

pela mata subcaducifólia tropical. O segundo é encontrado nas áreas da floresta perenifólia higrófila do Sistema da Serra do Mar que, ainda hoje, cobre grande extensão do terreno acidentado que acompanha o litoral. É de se admitir que tal diferença resulte, pelo menos em boa parte, de fatores decorrentes da alteração do ambiente. Nessas áreas florestais, as modificações de origem antrópica levam invariavelmente à escassez desse revestimento vegetal onde o triatomíneo originariamente encontra condições microclimáticas favoráveis à sua sobrevivência (Forattini e col.<sup>3</sup>, 1978). Assim sendo reveste-se de grande interesse o registro

---

\* Do Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública da USP - Av. Dr. Arnaldo, 715 - 01255 - São Paulo, SP - Brasil.

\*\* Da Divisão Regional do Vale do Ribeira (DEVALE) - Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo - Pariquera-Açu, SP - Brasil.

\*\*\* Da Superintendência de Controle de Endemias do Estado de São Paulo (SUCEN) - Rua Tamandaré, 693 - 01525 - São Paulo, SP Brasil.

de possíveis tentativas de domiciliação, em regiões onde esse fenômeno não ocorre de maneira habitual. Tal é o caso do supra-mencionado Sistema da Serra do Mar no Sudeste brasileiro, compreendendo a parte costeira meridional, onde a floresta atlântica tem como feição característica a citada mata perenifólia higrófila. Esse domínio paisagístico, aliado a topografia acidentada, estende-se desde o Estado do Rio de Janeiro até o de Santa Catarina, chegando ao limite norte do Rio Grande do Sul. Nele acha-se incluído o vale do rio Ribeira de Iguape, no Estado de São Paulo, onde o Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública da USP mantém série de observações sobre o comportamento de triatomíneos silvestres.

Na mencionada região, a partir de janeiro de 1981, a Superintendência de Controle de Endemias da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (SUCEN), deu início a projeto de vigilância epidemiológica mediante a instalação de Postos de Informação de Focos de Triatomíneos (PIFT) \*, método originariamente aplicado em outras áreas do Estado (Rocha e Silva e col.ª, 1970). Como resultado, mediante denúncias de moradores foram coletados vários exemplares desses insetos, a grande maioria representada por indivíduos adultos visitantes. Todavia, pelo menos em um desses casos, pôde-se detectar possível tentativa de domiciliação com início de colonização.

#### DESCRIÇÃO

Trata-se de habitação situada na localidade de Capuava, no município de Juquiá. Nela reside apenas uma pessoa, tendo dois cães e um gato como animais domésticos. O morador, Sr. J.R., tomou conhecimento do projeto de vigilância, por meio da escola comunitária local, onde se encontra instalado um PIFT. Como decorrência, em novembro de 1981, encaminhou espécimens de *Panstrongylus megistus*, representados

por três adultos, dois machos e uma fêmea, além de nove ninfas de primeiro estágio. Dado o aspecto peculiar dessa remessa, procedeu-se à visita ao local, que foi levada a efeito em dezembro do mesmo ano. Nessa oportunidade, pôde-se coletar duas ninfas de primeiro estágio, sete ovos, três dos quais prestes a eclodir, cinco cascas de ovos eclodidos e uma exúvia ninfal de quarto estágio, todos pertencentes à mesma espécie de triatomíneo. Esse material foi capturado na face externa das paredes laterais, esquerda e direita, anexas à cama do residente e ao abrigo dos animais, respectivamente. Pôde-se também constatar a presença de vestígios.

A região situa-se no início da encosta da Serra do Mar e é, pois, de topografia acidentada. Como se pode observar nas Figuras 1 a 3, a feição paisagística inclui a presença da floresta perenifólia higrófila sujeita a devastações para o aproveitamento agrícola do terreno. Este consiste principalmente no plantio de bananais, que chegam a atingir extensões consideráveis. Tais aspectos foram observados na localidade em questão e nas imediações da casa objeto desta pesquisa. A habitação propriamente dita foi representada por edificação em mau estado, dotada de um só compartimento, e medindo cerca de 2,0 por 2,5 m., além de alpendre lateral com aproximadamente 1,0 m. de largura (Figura 4). As paredes eram de barro, sem reboco, apresentando inúmeros buracos e frinchas, a cobertura constituída por telhas de cerâmica e o chão de terra batida. As condições de habitabilidade eram precárias, com poucos implementos adequados, sendo a cama representada por estrado em péssima situação de uso.

O morador J.R. informou ali residir há cerca de dois anos, sem ausência. Referiu ainda que, comumente, tem surpreendido exemplares de triatomíneos no interior da casa, tendo inclusive notado que a frequência

\* Superintendência de Controle de Endemias (SUCEN). Triatomíneos no Serviço Regional 2 - Região do Litoral. São Paulo [1982]. Documento Interno.



Fig. 1 — Aspecto da localidade de Capuava, com a casa pesquisada, em primeiro plano. Nota-se a topografia acidentada da encosta da Serra do Mar, bem como a floresta perenifólia higrófila e o terreno utilizado para fins agrícolas, resultante da derrubada da vegetação primitiva.



Fig. 2 — Área da derrubada para aproveitamento do terreno, na localidade.



Fig. 3 — Aspecto do bananal instalado próximo a casa pesquisada.



Fig. 4 -- Aspecto geral da casa pesquisada.

desses encontros aumenta a partir do mês de outubro. Relatou ainda que, em determinada oportunidade, foi sugado na perna por um desses insetos, tendo-o morto por esmagamento. Ultimamente, sabedor do projeto de vigilância, passou a levar os espécimens ao Centro de Saúde.

#### COMENTARIOS

A domiciliação de *Panstrongylus megistus* na região do Sistema da Serra do Mar situada no Sudeste e Sul do Brasil tem sido considerada como praticamente ausente. Em contraste com o que se observa no Nordeste e na parte planáltica da paisagem tropical

atlântica, os encontros domiciliares desse triatomíneo na citada região referem-se, quase que exclusivamente, a indivíduos visitantes. Como exceções podem ser mencionados, o achado de formas ninfais em anexos, no município de Florianópolis, e de uma franca colonização peridomiciliar observada no município de Curitiba (Leal e col.<sup>4</sup> 1961; Lima e col.<sup>5</sup> 1964). No caso particular do Vale do Ribeira, merece menção o encontro de ninfas no interior de uma habitação, no município de Pedro de Toledo (Costa e Guarita<sup>1</sup>, 1967). A escassez de tais achados confirma a atual baixa tendência à domiciliação por parte dessa espécie nessa região. Em observações que tiveram início em 1975, mediante o emprego de galinheiros experimentais, não foi possível observar a instalação espontânea de colônias nesses ecótopos artificiais (Forattini e col.<sup>3</sup> 1978).

Diante desse quadro, a observação relatada nesta nota permite supor a existência de possível capacidade de colonização domiciliar por parte de alguma parcela da população natural de *P. megistus*. Assim sendo, é de se admitir que nessa região a domiciliação do triatomíneo não tenha assumido maior intensidade, em virtude da relativa preservação ainda existente, do meio natural representado pela floresta perenifólia higrófila. Contudo, a atividade humana poderá alterar substancialmente o ambiente, com a expansão de espaços abertos a custa da derrubada desse revestimento vegetal. Em decorrência, a pressão seletiva daí resultante, poderá propiciar a sobrevivência da espécie mediante a adaptação ao ambiente humano, com conseqüente colonização (Forattini<sup>2</sup>, 1980). Tal possibilidade deverá ser levada em conta pela vigilância epidemiológica, para essa região, com a ocorrência do fenômeno como provável problema futuro de saúde pública.

FORATTINI, O. P. et al. [Domiciliary trend of *Panstrongylus megistus* in the Southern Coastal Region of S. Paulo State, Brazil]. *Rev. Saúde públ.*, S. Paulo. 16: 127-31. 1982.

**ABSTRACT:** An observation of initial house colonization by *Panstrongylus megistus* in the Southern Coastal Region of the State of S. Paulo, Brazil is reported. The findings justify consideration of the domiciliation as a probability stimulated by environment alteration due to anthropic activities.

**UNITERMS:** *Panstrongylus megistus*. Triatominae domiciliation. Trypanosomiasis, South American. Ribeira Valley, SP, Brazil.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. COSTA, F.D. de A. & GUARITA, O.F. Presença do *Triatoma infestans*, transmissor da doença de Chagas, na baixada litorânea do Estado de São Paulo, Brasil. *Rev. paul. Med.*, 70:101-2. 1967.
2. FORATTINI, O.P. Biogeografia, origem e distribuição da domiciliação de triatomíneos no Brasil. *Rev. Saúde públ.*, S. Paulo, 14:265-99, 1980.
3. FORATTINI, O.P. et al. Aspectos ecológicos da tripanossomíase americana. XII — Variação regional da tendência de *Panstrongylus megistus* à domiciliação. *Rev. Saúde públ.*, S. Paulo. 12:209-33. 1978.
4. LEAL, H. et al. Dados ecológicos sobre os triatomíneos silvestres na Ilha de Santa Catarina (Brasil). *Rev. Inst. Med. trop. S. Paulo*, 3:213-20. 1961.
5. LIMA, E.C. et al. Sobre a ocorrência de *Panstrongylus megistus* (Burmeister, 1835) em Curitiba (Paraná, Brasil). *An. Fac. Med. Univ. Paraná*, 7:25-34, 1964.
6. ROCHA E SILVA, E.O. da et al. Doença de Chagas. Atividades de vigilância epidemiológica numa área do Estado de São Paulo, Brasil. *Rev. Saúde públ.*, S. Paulo. 4:129-45. 1970.

Recebido para publicação em 16/05/1982

Aprovado para publicação em 17/02/1982